



MEMÓRIA DE PESQUISA - HOMENAGEM A MOACIR OLIVEIRA

10 *Sociólogo, poeta e músico: três vocações de um criador. Homenagem a Moacir Carvalho de Oliveira*

(Apresentação)

*Edvania Gomes da Silva*¹



1. Professora Titular/Pleno da Universidade Estadual do Sudo-este da Bahia (UESB); docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES / UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES / UESB). É membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/ UESB/ CNPq). Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso, com ênfase nos seguintes temas: discurso religioso; polêmica discursiva e interdiscurso; aforização. Email: edvaniagsilva@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6201-7583.



Sempre ouço dizer que homenagens devem ser feitas enquanto o homenageado estiver vivo e tendo a concordar com essa máxima, apesar de, como analista do discurso que sou, não defendê-la como sendo uma verdade universal, já que, como qualquer ato simbólico, ela está circunscrita a determinadas condições de produção. No caso de Moacir Carvalho, por exemplo, seria difícil fazer-lhe uma homenagem em vida, uma vez que ele estava ainda no início tanto de sua carreira quanto de sua vida, que lhe foram ceifadas tão prematuramente. Diante disso, nossa homenagem, infelizmente, precisa ser póstuma.

Ainda sobre homenagens, relembro aqui um texto bastante conhecido de Pierre Nora, traduzido para o português e publicado no Brasil em 1993. No texto, cujo título é “Entre memória e história” e o subtítulo é “a problemática dos lugares”, o referido historiador trata da “aceleração da história” como sendo uma “ruptura do equilíbrio” e defende que “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais” (Nora, 1993, p. 7). A partir desse ponto, Nora passa a tratar do que chama de lugares de memória e defende que as celebrações, comemorações e também o que ele chama de “elogios fúnebres” funcionam como lugares de memória, pois eles são “os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza” (Nora, 1993, p.

13). Tratar essa homenagem ao querido Moacir como um lugar de memória, como um ritual ou uma sacralização, parece-me bem pertinente, uma vez que o estudo dos processos ritualísticos e das diferentes formas de sacralização foram lugares para os quais ele lançou seu olhar de pesquisador curioso e sagaz.

Nascido em 15 de fevereiro de 1975, em Salvador, Moacir Carvalho de Oliveira teve a infância no bairro de São Caetano, onde viveu até os 21 anos. Ainda com família, mudou-se para Nazaré, também na capital baiana. Com formação em processamento de dados pela Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia, por anos, ele se especializou como programador na área de informática, atuando como analista de suporte de técnico. Muito cedo, abraçou a poesia e a música, dedicando-se aos ensaios e shows nas bandas Revolver e Charlotte & Salomão, das quais participou ora como cantor, ora tocando, mas sempre compondo. Se a predileção pela criação e a escrita se manifestou ainda na adolescência, Moacir a estendeu com o ingresso na Universidade Federal da Bahia, em 1998, para cursar Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Frequentou com a assiduidade o *campus* de São Lázaro até 2004. Ao longo desse íterim, integrou o Núcleo de Estudos em Ciências Sociais e Saúde (ECSAS). Ali, a interlocução acadêmica, em especial com a profes-



sora Miriam Rabelo, o conduziu para os estudos e às pesquisas na sociologia da religião. O exercício etnográfico realizado em parte da graduação focalizou, sobretudo, a natureza ritual dos cultos pentecostais que, à época, obtinham importância crescente nas periferias urbanas do país.

Concluído a primeira fase, para dar continuidade à formação acadêmica nas Ciências Sociais, deslocou-se para Brasília, onde obteve o título de mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB), em 2007. Sob orientação do professor Eurico Gonzales Cursino, ele desenvolveu a dissertação *Pentecostais e práticas de consumo: experiência religiosa, cotidiano e suas fronteiras na Universal do Reino de Deus*. Dois depois, ingressou no doutorado em Sociologia na mesma instituição, entretanto, não conclui o curso. Em 2016, voltou à UnB com o propósito de suturar essa lacuna. Assim, já em 2018, defendeu a tese de doutoramento *Deuses que dançam: lutas por reconhecimento e dinâmicas civilizatórias em circuitos populares de bens espirituais*, com a orientação do professor Edson Farias. Premiada como a melhor tese do PPGSOL de 2019, o trabalho articula o olhar etnográfico com a pesquisa documental e a reflexão teórica no estudo de uma dinâmica histórica de longa duração envolvendo re-

ligião popular e economia na montagem do mercado religioso brasileiro.

Já dedicado à docência universitária, em instituições privadas, mas também com passagem pelo Instituto Federal da Bahia, o título de doutor lhe facultou a entrada como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGMLS), em Vitória da Conquista. Para além de se dedicar às suas pesquisas em torno do problema da religião, no andamento do estágio posdoutoral, iniciado em 2020, Moacir deu aulas e orientou trabalhos de final de curso tanto na graduação quanto na pós-graduação no *campus* da cidade Cachoeira, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A sua carreira foi interrompida prematuramente com a morte, em 2022, em razão de complicações derivadas da contaminação pelo coronavírus.

Na tentativa de ser coerente com este percurso abrangente e preche de esforços para conectar interesses a princípio tão diversos entre si, os textos que compõem nossa homenagem trazem tanto a voz do próprio homenageado, quanto a voz de autores que foram seus alunos no curso de “Introdução às Teorias da Memória”, o qual ele ministrou, juntamente com a Professora Salete Nery, entre os anos de 2020



e 2021, no Programa de Pós-Graduação em Memória Linguagem e Sociedade. Foi, inclusive, durante a concretização desses cursos que eu, à época coordenadora do PPGMLS, “conheci” Moacir. As aspas em conhecer fazem referência ao fato de eu o ter conhecido de forma não presencial, afinal estávamos em plena pandemia de COVID-19, e, por isso, não foi possível termos um encontro de fato. Tudo – as tratativas para o início dos cursos, as conversas antes, durante e depois destes, e, é claro, os próprios cursos (dois no total) – deu-se de forma remota e virtual. Sempre conversávamos e prometíamos um ao outro que brevemente nos encontraríamos presencialmente, o que, tristemente, nunca pode acontecer.

Nossa homenagem começa com a divulgação de um artigo científico, de autoria de Moacir Carvalho, no qual ele aborda a instituição do religioso enquanto esfera relativamente autônoma, mostrando, de forma bastante coerente e fundamentada teoricamente, que a disseminação da modernidade nas sociedades provocou uma série de consequências imprevistas no que diz respeito à relação sagrado-profano, o que modificou profundamente a própria concepção de religião, provocando uma espécie de curto-circuito mnemônico.

Em seguida, apresentamos dois poemas de Moacir – sim, ele também era poeta! No primeiro, cujo título é “Que pena”, ele faz uma homenagem a alguns grandes autores e compositores da literatura e da música popular brasileira, mas, ao mesmo tempo, trata de um país triste pela perda de vidas, vidas públicas como a desses autores e compositores, mas também vidas anônimas, que povoam as cidades, “Uns atropelando outros / Cidades lotadas, vidas vazias”. No segundo, a que ele deu o título de “Poema despercebido”, o eu-lírico trata da possibilidade que tem a poesia de, por meio de uma atividade metalinguística ou metapoética, voltar-se sobre si mesma para construir um poema que não busque temas externos, mas que se complete na própria arte estético-literária.

No artigo, *Das transformações da concepção de memória em Freud*, Laelson Matos Ribeiro Júnior e Edvania Gomes da Silva apresentam e discutem algumas das transformações concernentes à concepção de memória na teoria psicanalítica cunhada por Sigmund Freud. No texto, são identificados três momentos principais em que a concepção de memória sofre arranjos e rearranjos significativos. Em relação ao primeiro desses momentos, os autores defendem que, em certos trabalhos de Freud, a memória é concebida como um processo de produção. Há, também,



um segundo grupo de textos para os quais a memória surge relacionada à noção de arquivo. Por fim, o texto trata de um terceiro momento em que emerge uma concepção de memória reestruturada. Nesse último caso, há, por parte de Freud, a valorização da natureza singular da memória, que é construída a partir de múltiplos registros. Os autores concluem afirmando que a memória de que trata Freud se constitui a partir de um exercício de criação, produção, resistência e insurreição contra a possibilidade de apagamento.

O texto *Memória e criação: tempo-essência em O tempo redescoberto de Marcel Proust*, de autoria de Luzia Silva Pinto e Marcello Moreira, parte do livro *O tempo redescoberto*, um dos tomos da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, a fim de analisar a concepção de Memória Involuntária. Além disso, os autores estabelecem um diálogo entre Walter Benjamin e Gilles Deleuze, objetivando discutir e problematizar, com base nos referidos autores, a conversão do Tempo Perdido em *Tempo redescoberto*. Conversão essa que fornece ao herói proustiano a matéria da *Recherche*, bem como a certeza de que a única vida realmente vivida é a Literatura. Por isso, os autores defendem, ainda com base em Proust, que somente a obra de arte é capaz de conferir, à Memória, a real dimensão de sua envergadura ontológica.

No texto *Representações sociais e memória: dinâmicas na modernidade*, Carlos Alberto Sousa Dantas e Luci Mara Bertoni apresentam as representações sociais como um fenômeno afluyente de processos mnemônicos. Para tanto, os citados autores realizam uma pesquisa bibliográfica, buscando indicar alguns aspectos do fenômeno das representações sociais e também da memória ligada à produção e à atualização de tais representações. A partir de tal pesquisa, eles constatam que o estudo dos quadros sociais e da memória coletiva pode ajudar a desvelar o papel latente da memória na dinâmica representacional. O texto aborda ainda a importância do conceito de Representações Sociais para a compreensão da dinâmica de familiarização do não familiar. Nesse sentido, os autores concluem que o conceito de representações sociais coaduna com o de memória coletiva e por isso ambos devem refrear-se ante a dilatação dos grupos e da diversidade e heterogeneidade nas relações *intra* e *inter* grupais.

Em *O revisionismo histórico como ação política brasileira de 2019 a 2022*, Elder Bruno Fernandes Pereira e Marcello Moreira abordam alguns dos caminhos de formação da memória coletiva, destacando os conceitos de representação e de senso comum, buscando realizar um exercício de reflexão quanto às possíveis consequências e reverberações de uma po-



lítica de revisionismo histórico. No decorrer do texto, os autores analisam as motivações que levam um dado grupo a propor uma nova versão de um fenômeno histórico, verificando, ainda, as dinâmicas inerentes a esse movimento revisionista. A conclusão apresentada no texto é de que as memórias sociais atravessadas por disputas e a proposta civilizatória pretendida pelo desejo político-ideológico dominante buscam naturalizar conceitos revisionistas para que estes atendam aos interesses desses grupos.

No texto *A literatura de Rubem Fonseca como manifestação de intervalo de indeterminação*, Fagner Costa e Silva e José Alves Dias recorrem ao conto *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, para mostrar a viabilidade do conceito bergsoniano de “intervalo de indeterminação”. Segundo os autores, Bergson conecta a consciência percebida à liberdade de ação, proporcionando uma perspectiva sobre a interação temporal na existência humana. É justamente entre o intervalo da ação e do movimento que habita o que podemos chamar de subjetividade, ou, como defende Bergson, a zona de indeterminação. Os autores defendem que, no conto *Feliz Ano Novo*, é possível constatar uma visão singular do autor, Rubem Fonseca, acerca da violência urbana no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Tal visão, ainda segundo o que lemos no artigo de Silva e Dias, contribuiu, an-

tecipadamente, para análises sociológicas a respeito da cartografia dos conflitos sociais no Brasil nas décadas subsequentes. A conclusão do texto é de que a literatura de Rubem Fonseca nos permite acessar uma subjetividade do passado, dentro de um recorte temporal.

Como brevemente apresentado acima, os cinco textos produzidos pelos ex-alunos de Moacir Carvalho, em coautoria com seus respectivos orientadores, indicam a extensão e a complexidade das discussões realizadas pelo professor Moacir nas aulas de Introdução às Teorias da Memória. Discussões que se vinculam tanto a teóricos da memória, como Halbwachs e Bergson, quanto a autores que, como Freud, Benjamin e Deleuze, que, apesar de não serem considerados teóricos da memória, elaboraram construtos teóricos que orbitam em torno do tema da memória. Vale salientar, ainda, que a escolha de alguns desses ex-alunos autores em tratar de textos literários, como o romance de Proust, *O tempo redescoberto*, ou o conto de Rubem Fonseca, *Feliz Ano Novo*, funciona como um indício que aponta para existência de um elo de ligação entre o Moacir poeta e o Moacir docente, uma vez que os textos foram, inicialmente, produzidos para serem lidos e avaliados por ele.

Por fim, convido o leitor a fazer parte dessa



EDVANIA GOMES DA SILVA

homenagem, buscando, por meio das produções do próprio Moacir e também dos textos produzidos por seus ex-alunos, adentrar o universo criativo e profissional desse dedicado e comprometido professor, pesquisador, poeta e amigo, que se foi tão prematuramente, mas que deixou, para aqueles que, como eu (mesmo que apenas virtualmente), puderam conhecê-lo a possibilidade de lembrá-lo.